



Cliente _____
Veículo _____ DCI
Data: _____ 09 - 08 - 1991
Seção: _____ OPINIÃO _____ Página 06

RECORTES

R. AIMBERÊ, 130 G PERDIZES • TEL.: (011) 864-7211/864-0546 • CEP 05018 • S. PAULO • SP

O FMI e a soberania nacional

■ Rodolfo Gutilla

Causa preocupação o recente episódio envolvendo o governo brasileiro e o ex-chefe da missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), menos pela falta de diplomacia de ambas as partes - e se não compete a um representante do Fundo propor mudanças na Constituição do País, tampouco é de bom tom que um chefe de Estado se envolva num diz-que-disse, usando de artilharia pesada contra o interlocutor - do que pelos seus possíveis desdobramentos na atual conjuntura.

A bem da verdade, o representante da missão só reiterou, em suas afirmações, as linhas gerais do novo pacote fiscal preparado pelo Ministério da Economia, que propõe medidas de curto prazo e que têm por objetivo solver a crise fiscal nacional, agravada pela perspectiva inflacionária - que já se insinua com a liberação dos

cruzados - e pelo déficit público. Essa meta só será atingida, como se sabe, mediante certas reformulações do texto constitucional.

Nesse sentido, o recado do chefe do Executivo - que, no auge da crise, invocou a soberania nacional - teria por destinatário, segundo alguns analistas políticos, não o FMI, mas os nacionalistas de plantão que gravitam na esfera de atuação política do Planalto e que vibram com esse tipo de "catarse cívica".

O que de fato preocupa é que esse espetáculo de pirotecnia verbal patrocinado pelo governo só contribui para atrasar ainda mais o cronograma das negociações.

O governo parece esquecer que os investidores estrangeiros, bem como o empresariado nacional, estão à espera da formalização desse acordo - que prevê empréstimos de US\$ 2 bilhões e, o que é mais impor-

tante, representa o aval da comunidade financeira internacional - para planificar suas estratégias de investimentos no País.

Na "década perdida", conforme demonstrou o economista José Serra em artigo recente, o Brasil deixou de atrair investimentos estrangeiros da ordem de US\$ 9 bilhões e, desde 1985, financiamentos oficiais (BID, Banco Mundial, FMI e Exim-banks, entre outros) que chegariam a US\$ 15 bilhões.

Para uma nação que vive sob o estigma da falta de seriedade, esse episódio de ópera-bufa só faz reforçar essa impressão, atribuída ao chefe de Estado francês Charles De Gaulle, em um escorregão não menos diplomático, diga-se de passagem.

Só que, nesse caso, é o governo e não a Nação que carece de bom senso e seriedade.

Rodolfo Gutilla - antropólogo, jornalista e assessor de imprensa da G&A - Comunicação Empresarial.